



“DEUS TRANSCENDE SEU PRÓPRIO NOME”: PAUL TILlich E O DESCORTINAR DE NOVAS FRONTEIRAS HERMENÊUTICAS

“GOD TRANSCENDS HIS OWN NAME”: PAUL TILlich AND THE
UNVEILING OF NEW HERMENEUTIC FRONTIERS

*Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão**

*Prof. João Inácio Bezerra da Silva***

RESUMO

Este artigo visa discutir como a Teologia de Paul Tillich, especialmente o conceito de Deus enquanto preocupação última, pode contribuir para a reflexão teológica com ênfase no diálogo religioso em atitude transreligiosa. A Teologia fenomenológica de Tillich descortina novos caminhos hermenêuticos que possibilitam o diálogo entre o cristianismo e diversas outras religiões. Neste sentido, a premissa de que Deus, enquanto Ser-em-si, é a resposta para a pergunta levantada pelos seres humanos – resposta essa, dada de forma condicionada culturalmente, como símbolos religiosos – fornece instrumentos epistemológicos para uma reflexão teológica que seja dialógica e transreligiosa. Diante disso, o objetivo deste artigo é refletir sobre o conceito tillichiano de Deus enquanto preocupação última, como abertura hermenêutica para uma Teologia das religiões. Entre os resultados da pesquisa, observa-se que o pensamento de Paul Tillich gera uma abertura da reflexão teológica com novas amplitudes: planetária, multirreligiosa e pluralista. Tal abertura fornece caminhos para o desenvolvimento de uma possível teologia Geral das Religiões em atitude transreligiosa.

Palavras-chave: Paul Tillich; Preocupação última; Teologia das religiões; Transdisciplinaridade; Diálogo inter-religioso.

* Professor e Pesquisador na Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP.

** Mestrando no Programa de Pós-graduação em Teologia, da UNICAP.



ABSTRACT

This article intends to discuss how the Theology of Paul Tillich, especially the concept of God as a *Ultimate Concern*, can contribute to a theological reflection with an emphasis on religious dialogue with a transreligious attitude. Tillich's phenomenological Theology opens new hermeneutic channels that enable dialogue between Christianity and diverse other religions. In this sense, the presumption that God, while a *Being itself*, is the answer to the question raised by human beings – answer which, given in a culturally conditioned form, as religious symbols – provides epistemological instruments for a theological reflection that is dialogical and transreligious. Faced with this, the goal of this article is to reflect on Tillich's concept that God while a *Ultimate Concern*, as a hermeneutic opening for a Theology of religions. Amongst the research results, it is observable that Paul Tillich's thoughts generate an opening for a theological reflection with new amplitudes: planetary, multireligious and plural. Such an opening produces opportunities for the development of a possible general theology of religions in a transreligious attitude.

Keywords: Paul Tillich; Ultimate concern; Theology of religions; Transdisciplinarity; Inter-religious dialogue.

1 INTRODUÇÃO

O século XXI trouxe em seu bojo desafios relacionados à mudança de paradigmas que modificaram a compreensão da sociedade, do ser humano, do mundo, e da religião. A teologia, enquanto uma ciência da fé, não está isenta da historicidade desse período histórico.

Assim, o esforço de vários estudiosos em compreender a época em que vivemos é também um esforço da teologia, que mais do que trazer explicações sobre a sociedade tem por objetivo comunicar uma mensagem carregada de sentidos, que ajude o ser humano em suas vivências existenciais.

Diante do pluralismo e da diversidade, cada vez mais presente em nossa sociedade, fica evidente que essa comunicação teológica deve, igualmente, se esquivar de absolutos exclusivistas. Nos últimos anos, e de forma bastante recorrente, a intolerância, a segregação e os discursos que propagam o ódio e a exclusão têm sido observados em todo o mundo. Gurus pseudointelectuais, lideranças religiosas e políticas são, paradoxalmente, os maiores disseminadores desses discursos, reproduzidos por seus seguidores nos mais diversos ambientes.

O ódio contido na manifestação do pensamento incita a violência, a discriminação, o preconceito e o racismo e, nesta perspectiva, o convívio social ambientado no ódio leva o ser humano a um estado de guerra, não pela defesa de uma propriedade ou de uma nação, mas pela defesa, e até mesmo imposição, de uma ideia ou crença.

Assim, o fundamentalismo religioso caracterizado pelo discurso de ódio, em nome de Deus, ultrapassa os limites do religioso e cerra fronteiras no âmbito das políticas identitárias e culturalistas, dos comunitarismos de toda ordem. O fundamentalismo repele abertamente o diálogo e o torna impossível o reconhecimento da alteridade.

Diante dessa situação, um retorno ao pensamento do teólogo Paul Tillich pode ajudar na terapeutização do discurso. Tillich apresenta em toda sua construção teológica uma reflexão que se propõe ao diálogo. Apesar de sua Teologia Sistemática ser classificada, pelo próprio autor, como “apologética ao secularismo”, o que Tillich faz é, a partir de um método dialogal, a correlação, traçar pontos de contato entre a filosofia existencialista, sob a forma de questões, e a tradição teológica cristã, sob a forma de respostas.

Muito mais dialogal Tillich se mostrou após sua viagem ao Japão em 1960, com as influências que recebeu das teorias de história comparada de Mircea Eliade e com os encontros pessoais e existenciais com sacerdotes budistas. As consequências dessa viagem para o pensamento de Tillich podem ser sentidas não apenas na ampliação do diálogo religioso em sua terceira parte da Teologia Sistemática, como, também, na produção de conferências que tratavam, diretamente, da possibilidade de reformulação de sua teologia direcionada ao diálogo das religiões.

Assim, em 12 de outubro de 1965, 10 dias antes de sua morte, Tillich realiza sua última conferência, “*The Significance of the history of religions for the systematic theologian*”¹, na qual afirma que o teólogo que desejar sistematizar uma teologia das religiões, deve considerar as seguintes proposições: 1) as experiências revelatórias são universalmente humanas; 2) o homem recebe a revelação no contexto de sua finitude humana; 3) o processo revelatório da história humana possui limites de adaptação e erros; 4) partindo de acontecimentos gerais da história das religiões é possível uma

¹ Em tradução livre: O Significado da história das religiões para o teólogo sistemático.

teologia concreta de sentido universal; 5) a religiosidade precisa constituir um juízo de si mesma.

Tillich relaciona a teologia em sua base confessional e correlacional e busca um diálogo com a história das religiões, passando por pressupostos da fenomenologia da religião. Assim, podemos observar que o esforço de reflexão de Tillich extrapola as fronteiras existentes nas disciplinas. Autorreconhecido como teólogo de fronteiras, Tillich se viu em um esforço por ir além da fronteira, para transitar em lugares que eram necessários à compreensão de um fenômeno tão complexo e profundo como as religiões, em especial no ponto de diálogo.

Assim, a transdisciplinaridade, principal metodologia do pensamento complexo, que vem sendo desenvolvida em diversas áreas de conhecimento a partir de proposições do físico teórico Basarab Nicolescu, não é uma apenas uma opção, mas um caminho necessário para aqueles que desejem realizar uma abordagem integral e transdisciplinar da realidade, com vistas a avançar, na linha do último Tillich, rumo a um diálogo religioso que se proponha a ser mais do que inclusivista, transreligioso.

A partir do estudo comparado das religiões ficam evidentes as contradições e limitações que a lógica formal Aristotélica nos impõe, pois, para que seja construído um novo conhecimento a partir do encontro de opostos, um dos polos originais deve ser excluído, ou no mínimo modificado de posição. Quando tratamos do diálogo entre doutrinas, sabedorias ou ensinamentos religiosos, a construção de um conhecimento novo por meio do diálogo não deve excluir as “verdades” existentes, pois elas estão repletas de fé, sentimento e apego. Excluir um ponto de uma religião, mesmo com a intenção de produzir o diálogo, produzirá um conflito indesejado. Assim, Nicolescu, com a compreensão de níveis de realidade e percepção, onde as controvérsias são integradas pela lógica do Terceiro Incluído, pela inclusão do que está entre e para além das contradições aparentes, abre portas para o diálogo religioso por meio de um paradigma que integra aqueles que dantes eram excluídos.

A reflexão sobre as novas possibilidades hermenêuticas, descortinadas por Paul Tillich e desdobradas por essa lógica transdisciplinar e transreligiosa, pode produzir recursos importantes para o desenvolvimento de uma teologia que transcenda os limites da reflexão cristã e dialogue de forma respeitosa com outras religiões.

Compreender o que aquele, diferente de mim, entende a respeito do Ser-em-si, pode inclusive contribuir – e agora falamos a partir do nosso lugar de fala, cristão – para uma compreensão mais profunda da revelação e da pessoa, Jesus Cristo, que nós reconhecemos como Filho de Deus.

A revelação é como uma grande peça de retalho, todas as diferentes cores, todas as diferentes texturas são como as culturas nas quais está inserida, que variam em lugares e em épocas. Quando separadas representam expressões religiosas diversas, mas quando unidas por meios de um fio dialógico e transdisciplinar formam uma grande colcha, com sentido profundo, que pode trazer calor e vida para aqueles a encontram.

2 TILlich E O ENCONTRO COM AS OUTRAS RELIGIÕES

Para que ocorra o diálogo religioso se faz necessário o encontro autêntico e concreto entre as religiões, através das pessoas e grupos que as vivenciam. Este encontro não pode ter a pretensão de analisar a validade de cada uma, tampouco deve-se tentar medir a superioridade que uma tem sobre a outra.

As duas últimas décadas de vida de Paul Tillich foram marcadas por encontros inter-religiosos. Em 1962, conforme mostra Calvani (1996), Tillich foi para a Universidade de Chicago, na qual teve oportunidade de lecionar diversas disciplinas, como filosofia, psicologia, artes e arquitetura, ocupando uma posição de destaque e tendo como companhia, principalmente, o historiador das religiões Mircea Eliade.

Dois anos antes, em 1960, Tillich realizou uma viagem ao Oriente em companhia de sua esposa, essa viagem o marcou profundamente. No Japão, Tillich estabeleceu diálogo inter-religioso entre cristãos e budistas, apresentando os resultados em forma de Conferências nos anos seguintes. Anos depois, Eliade (1966, p. 8) contará que “o impacto dessa visita sobre sua vida foi tremendo. Pela primeira vez se havia submergido no dinâmico e extremamente variado universo religioso, totalmente diferente das tradições mediterrâneas e judaico-cristãs”².

No dia 12 de outubro de 1965, Tillich faz a sua última Conferência Pública, intitulada “*The Significance of the history of religions for the systematic theologian*”, na qual

² As citações das obras em inglês são de tradução livre dos autores.

realiza uma autoacusação, alegando que sua Teologia Sistemática, escrita antes desse seminário, tinha a intenção de tratar da discussão apologética “contra e com o secular” (TILLICH, 1966, p. 91). Na publicação póstuma dessa conferência, Eliade explica que, caso Tillich tivesse tempo, reescreveria sua obra considerando como ponto de partida o diálogo com a história das religiões. Uma nova teologia sistemática que abrangesse “não só a crise existencial e o vazio religioso das sociedades ocidentais de nosso tempo, mas também as tradições religiosas da Ásia e do mundo primitivo (sic), com suas crises atuais e suas traumáticas transformações” (ELIADE, 1966, p. 8).

Assim, o encontro de Tillich com as outras religiões, especialmente com o budismo, possibilitou um processo de abertura que move a reflexão cristã de um provincianismo para um cristianismo de fronteira. Nas palavras de Tillich (1964, p. 1-2) “um fruto tardio do processo de desprovincialização é meu crescente interesse, tanto como teólogo quanto como filósofo da religião, no encontro entre as religiões vivas de hoje e no encontro de todas elas com os diferentes tipos das quase-religiões seculares”.

Tillich possibilita, assim, o encontro entre cristãos e budistas, tomando como ponto de partida dois símbolos que quando comparados aparentam ser contrastantes: o Reino de Deus e o Nirvana. Tillich explica que “o Reino de Deus é um símbolo social, político e personalista” e a produção deste material simbólico advém “da imagem de governante que estabelece um reino de justiça e paz em seus domínios”; por outro lado, o Nirvana se constitui como símbolo ontológico, e o seu material simbólico advém “da experiência de finitude, da separação, da ignorância, do sofrimento, e, em resposta a tudo isso, da imagem da unidade sagrada de todas as coisas, para além da finitude e do erro, no fundamento último do Ser” (TILLICH, 1964, p. 64).

Mesmo diante destas diferenças, Tillich insiste, acertadamente, na possibilidade de diálogo, visto que ambos os conceitos estão fundamentados em uma avaliação da existência tida como negativa. “O Reino de Deus está contra os reinos deste mundo, a saber as demoníacas estruturas de poder que governam a história e a vida pessoal”. Já o Nirvana “se coloca contra o mundo de realidade aparente como a verdadeira realidade da qual procedem as coisas individuais e para a qual estão destinadas a retornar” (TILLICH, 1964, p. 65).

Destas ponderações surgem conseqüências para a ética que devem ser analisadas. Tillich (1964) mostra que há dois princípios ontológicos que devem ser percebidos: no Reino de Deus há o princípio da “participação”; e no Nirvana, o da “identidade”. Podemos afirmar que a participação comunica ao ágape e que a identidade comunica à compaixão.

A palavra grega ágape era utilizada pelos primeiros cristãos como uma forma de expressar o tipo de amor que Deus tem pela humanidade e, de forma semelhante, também deveríamos ter uns pelos outros. Rodrigues (2007, p. 76) comenta que “o ágape aceita o inacessível e tenta transformá-lo, elevando a quem se ama para além de si mesmo. Mas o sucesso dessa tentativa não constitui a condição do ágape, pois pode ser sua conseqüência”. Neste sentido, o ágape move o ser humano na aceitação da diversidade humana e transforma o sujeito do amor, elevando-o, tendo em vista o Reino de Deus.

A compaixão, por sua vez, é um estado por meio do qual aquele que não sofre por suas próprias condições pode sofrer por meio da identificação com um outro que sofre. Não tem a ver com aceitação do outro, nem tentar transformá-lo, mas sofrer o seu sofrimento, fundamentado na identificação. Para Rodrigues (2007, p. 77), a compaixão “pode ser uma maneira muito ativa de amor, podendo trazer mais benefício imediato a quem é amado do que um mandamento moralisticamente distorcido a exercer o ágape”.

Neste ponto, a História se mostra um elemento importante para a compreensão destas diferenças. No Reino de Deus, a história “não é somente a cena na qual o destino de indivíduos é decidido, mas é um movimento no qual o novo é criado e o qual conduz ao absolutamente novo, simbolizado como ‘o novo céu e a nova terra’” (TILLICH, 1964, p. 74). Assim, há um forte elemento revolucionário no Reino de Deus, pois a sua implementação tem como característica a transformação radical da sociedade.

Este elemento histórico não está presente no Nirvana budista, pois sua ênfase é ser salvo da realidade de sofrimento. Apesar disso, Tillich destaca que há um elevado interesse social no budismo contemporâneo e isso se deve ao princípio da compaixão, visto que, “nenhuma crença no novo na história, nenhum impulso para transformar a sociedade, podem ser derivados do princípio de Nirvana” (TILLICH, 1964, p. 73).

Esse diálogo inter-religioso entre cristianismo e budismo, proporcionado por Tillich, é apenas um momento introdutório que aponta como duas religiões podem compartilhar sabedorias de suas tradições milenares, demonstrando, ao mesmo tempo, convergências e divergências. Com o intuito de aprofundar esta reflexão, será analisado como Tillich compreende o conceito de Deus e como tal percepção torna-se fundamental na produção de uma teologia que contemple o diálogo religioso.

3 A PREOCUPAÇÃO ÚLTIMA COMO HERMENÊUTICA PARA O DIÁLOGO RELIGIOSO.

A base fenomenológica presente na reflexão tillichiana fornece importantes fundamentos para o diálogo religioso. Diante disso, o seu conceito de religião, bem como a sua concepção de Deus, são chaves para interpretações religiosas de cunho pluralista e transreligioso.

Tillich (2014) considera importante que a crítica à religião seja feita a partir de sua perspectiva histórica, na medida em que a religião se caracteriza como a história das tentativas e dos fracassos experimentados pelo ser humano na sua busca por salvar a si próprio. Assim, é no espaço religioso que ocorre a tentativa de ruptura entre o ser essencial e o ser existencial.

Neste sentido, Tillich (2014, p. 378) afirma que “o encontro pessoal com Deus e a reunião com ele constituem o cerne de toda religião autêntica”. Tal afirmação aponta para a percepção de um sentimento presente em toda a humanidade, de buscar por um poder transformador que responda tanto às preocupações preliminares sobre “de onde viemos”, quanto ao problema da finitude: “para onde vamos?!”.

A religião, para Tillich, é compreendida a partir do conceito de “preocupação última”. Tillich parte do mandamento cristão, consignado em Marcos 12:29-30: “[...] o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a tua alma, com o todo o teu pensamento e com toda a tua força” (BÍBLIA, 1994). A preocupação última, então, não é condicionada, nem é dependente das condições de desejo, circunstância ou caráter: é total e, por este motivo, infinita.

Assim, a “preocupação” se refere à experiência religiosa em perspectiva existencial e na superação das ambiguidades da vida. Para Tillich (2014, p. 372), “a religião não é apenas mais uma função da vida ao lado das outras, mas também é o contexto da religião que a vida recebe daquele que vence as ambiguidades da vida, isto é, o Espírito divino”.

A preocupação última não precisa, necessariamente, se identificar com Deus, mas com aquilo que se torna Deus para o ser humano. Assim, a preocupação última se refere às paixões e aos interesses e, é a razão que leva o ser humano a arriscar a própria vida e a considerar algo pelo qual se deva dar a vida. A questão da preocupação última é uma questão existencial, a questão do sentido último da vida, isto é, a questão do ser.

A preocupação última é tudo aquilo que nos toca incondicionalmente, ou seja, “o que nos toca incondicionalmente torna-se Sagrado” (TILLICH, 1985, p. 13). Assim, o fundamento religioso universal é a experiência do Sagrado dentro da vivência existencial do finito. Os objetos e elementos finitos e particulares são a expressão do Sagrado como realidade teológica e espiritual.

Para Tillich (2014), essa experiência de Sagrado através do finito é o conhecimento do divino. Há no ser humano uma busca pelo infinito, porque o finito anseia repousar no infinito. A experiência da finitude lança o ser humano na angústia, especialmente diante da finitude máxima da existência, a morte. Entretanto, é diante do limite da existência que surge a possibilidade de se deparar com o ilimitado: diante do finito é possível encontrar o infinito. Assim, na experiência do infinito é projetada a própria realização da existência.

Tillich (2001, p. 32-33) afirma que “o realmente incondicional deixa infinitamente atrás de si todo o âmbito do condicionado. Por isso ele não pode ser expresso direta e adequadamente por nenhuma realidade finita. Falando em termos religiosos, isso quer dizer que: Deus transcende o seu próprio nome”. O diálogo entre as religiões alcança, nesta reflexão, o seu ponto culminante, pois Deus é uma realidade estrutural que apenas pode ser experimentada pelo ser humano no âmbito da existência, ou seja, o ser humano, em nenhuma hipótese, consegue ter um encontro com Deus, mas sim

com a manifestação do Sagrado que se dá na existência e é interpretada considerando as mais diversas facetas da produção cultural humana.

Deus, para Tillich (2014), não pode ser entendido como um ser que existe ao lado ou acima de outros seres: ele não é um mero Ser, mas o Ser-em-si, mantendo-se, assim, além do essencial e do existencial. Deus transcende o finito e o infinito. “Deus é o fundamento e também a estrutura do ser, mas nunca sujeito a esta estrutura, antes a estrutura se fundamenta nele” (CARVALHO; KELM, 2013, p. 57).

Nesta perspectiva, a afirmação supracitada: “Deus transcende o seu próprio nome” (TILLICH, 2001, p. 33), transforma-se em elemento fundamental na reflexão teológica que se defina transreligiosa, pois esta nova chave hermenêutica não apenas expande a compreensão do significado de Deus, mais também as implicações que dela procedem. O conceito de Deus, enquanto estrutura da realidade, o Ser-em-si, está para além de doutrinas, de determinada fé e da própria teologia em perspectiva confessional. Deus passa a ser um pressuposto para o diálogo transreligioso e um fundamento para a construção de uma Teologia Geral das Religiões: o Terceiro Incluído por excelência.

Vale destacar que tais reflexões levantadas por Tillich não remetem a uma concepção platônico-idealista de um ser divino ideal que está acima de toda e qualquer concepção do Deus das religiões. Pelo contrário, Tillich aponta para a condição existencial do ser humano de não compreensão da essencial estrutura da realidade: devido a tal condição de finitude, os “encontros” com o Ser-em-si são condicionados pela cultura, os quais são fator crucial para a forma como chamamos este ser, quer seja Deus, Alá, Olorum, Brahma, dentre outros. Diante de tal constatação, Calvani (2010, p. 154) afirma que “as experiências revelatórias são universalmente humanas: existe revelação em todas as religiões porque Deus sempre deu testemunho de si mesmo”.

4 POR UMA TEOLOGIA GERAL DAS RELIGIÕES EM ATITUDE TRANSRELIGIOSA

Os novos caminhos hermenêuticos que são descortinados a partir da Teologia de Paul Tillich possibilitam a reflexão e o esboço de novos apontamentos em direção a uma

teologia com novas amplitudes: planetária, multirreligiosa e pluralista. Uma teologia que supere as limitações impostas pelo princípio da confessionalidade e, conseqüentemente, abra-se em diálogo religioso, como uma Teologia Geral das Religiões.

Para Panasiewicz e Aragão (2015, p. 1842) a teologia pluralista e transreligiosa, que aqui denominamos de Teologia Geral das Religiões, deve ser “uma teologia humana e libertada do serviço a uma religião, enquanto instituição hierarquicamente sagrada, com o seu sistema de crenças e ritos e cânones, mas centrada na espiritualidade e comprometida com a tarefa de humanizar a humanidade”.

Neste sentido, o rompimento da hermenêutica confessional, já mencionado por Tillich através da afirmação de Deus enquanto o Ser-em-si, ou seja, enquanto estrutura que é diversa e culturalmente interpretada pelas religiões, nos move para a necessidade de adotar um novo paradigma epistemológico que possibilite a reflexão teológica com atitude transreligiosa. Esse paradigma é a transdisciplinaridade.

Segundo Panasiewicz e Aragão (2015, p. 1855) “a transdisciplinaridade é uma nova forma, complexa, de ver e entender a natureza, a vida e a humanidade”. Este paradigma visa a superação das aparentes contradições que surgem na apreensão e análise dos dados, não fixando-se na segmentação disciplinar do conhecimento, mas, pelo contrário, considerando a complexidade da realidade, a integralidade da vida humana e a busca pelo sentido próprio da existência. Neste sentido, a transdisciplinaridade concebe aquilo que é aparentemente contraditório como integrado em outros níveis da realidade.

Para Morin (1994) e Nicolescu (2000), a realidade é complexa e composta por níveis, que se articulam a partir de um Terceiro termo, que deve ser incluído entre e para além dos termos de suas aparentes contradições. Neste sentido, o princípio lógico da não contradição, que, conseqüentemente, é de exclusão, dá lugar a uma nova categoria epistemológica, que fundamentalmente se caracteriza pelo Terceiro Termo Incluído.

A teologia, assim, não deve ter a função de defender uma determinada doutrina ou expressão religiosa, mas, comprometida com a luta contra a violência, o ódio e o

fundamentalismo, transforma-se em uma terapeutização das controvérsias religiosas, em uma ponte na produção do diálogo. Desta forma, a teologia em perspectiva transdisciplinar produz uma atitude transreligiosa, que parte da experiência existencial do encontro com o infinito, interpretando-o como o Sagrado que, exatamente por isso, não contradiz nenhuma tradição religiosa.

A respeito disso Nicolescu (2000, p. 148) afirma que: “A transdisciplinaridade não é religiosa nem não religiosa, ela é transreligiosa. É a atitude transreligiosa que emerge da transdisciplinaridade vivida que nos permite aprender a conhecer e apreciar as especificidades das tradições religiosas e não religiosas”. Com isso, podemos apreender as estruturas comuns, as experiências de divino através de portais Sagrados, que fundamentam todas as espiritualidades. E, dessa maneira, vislumbrar uma visão transreligiosa do mundo.

A noção de Sagrado para Nicolescu aponta para um lugar existencial de resistência absoluta, constituindo-se um Terceiro Incluído que reconcilia os polos em tensão. Esse Sagrado assume, na constituição de uma Teologia Geral das Religiões, a posição de intersecção entre as diversas expressões religiosas, caracterizando-se como esse mistério da realidade que surge na experiência vital de todos os seres humanos. Nesse sentido, Aragão (2015, p. 23) aponta que “um fiel pode reconhecer nas outras tradições e religiões caminhos de busca do Sagrado pelo ser humano, que se questiona e procura”.

Vale destacar que, com essa premissa, a própria Teologia entra em um processo de deslocamento, e para tanto, bases epistemológicas precisam ser repensadas como uma forma de responder a todas as novas demandas e possibilidades que surgem. Os pilares gregos apropriados e disseminados na constituição cultural e religiosa do Ocidente assumem diversos outros pontos de fundamentação quando refletidos em contato com outras tradições religiosas, algumas tão antigas e geograficamente distantes da influência helênica.

Assim, uma Teologia Geral das Religiões, em atitude transreligiosa e com fundamentação transdisciplinar, tem como principal objetivo contribuir para um mundo de paz e de diálogo intercultural e inter-religioso. Não há o objetivo de abarcar ou englobar todas as tradições religiosas, construindo uma nova religião, mas se procura

compreender a sabedoria, doutrinas e ensinamentos, atitudes frente à alimentação e aos estranhos, das diversas espiritualidades, em profundo respeito ao árduo esforço reflexivo da humanidade em sua diversidade de culturas e aquilo que elas consideram como Sagrado, desde o princípio, para revelar como Deus, enquanto estrutura fundamental da realidade, o Ser-em-si, inspira, conforme possibilidades e limites de cada tempo e lugar, adoração pelo mistério da Criação, entre e além de todas as religiões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou reflexões sobre as possibilidades hermenêuticas para uma Teologia das Religiões descortinadas a partir do pensamento transreligioso de Paul Tillich e desdobradas pela lógica transdisciplinar do Terceiro Incluído.

Tillich sempre esteve preocupado com a vida humana, bem como com a experiência existencial do ser humano em sua busca pelo significado último. Assim, a preocupação última surge em sua teologia como a função do espírito humano que dá profundidade a todas as formas criativas e, portanto, culturais, do espírito humano. Sendo culturalmente condicionadas, as religiões e suas expressões se mostram como o local próprio para a expressão da preocupação última.

Como vimos, tanto o Reino de Deus, no cristianismo, quanto o Nirvana, no budismo, posicionam-se contra uma realidade limitada e, de alguma forma, corrompida, em busca de uma nova realidade. Assim, o diálogo entre essas duas religiões milenares deixa evidente a preocupação última pela superação da finitude da existência e pelo anseio em encontrar o infinito, isto é, o Ser-em-si.

Dessa maneira, o conceito tillichiano de preocupação última descortina novas possibilidades hermenêuticas no campo da Teologia das Religiões. Isso, principalmente ao perceber que todas as religiões, e até mesmo as quase-religiões seculares, apresentam como preocupação última a superação da finitude por meio da transcendência incondicional, possibilitando, desta forma, o encontro do humano com o que é Sagrado na realidade, com o que cada cultura, conforme suas possibilidades e limites, considera Sagrado.

Tal Teologia das Religiões, para que consiga dar respostas à complexidade da realidade e à grande diversidade de expressões religiosas e culturais, precisa seguir um paradigma inclusivo e, portanto, transdisciplinar. A transdisciplinaridade produz uma nova organização lógico-epistemológica do conhecimento a partir da inclusão do Terceiro Termo, o mistério da Criação que nos antecede e ultrapassa, o Outro que se manifesta nos mais outros na história, o que em perspectiva religiosa desenvolve uma atitude, necessariamente, transreligiosa.

Por fim, uma Teologia Geral das Religiões em atitude transreligiosa e, portanto, transdisciplinar, é, em primeiro lugar, um desafio pelo volume de expressões religiosas diversas que precisam ser investigadas e colocadas em diálogo; e, em segundo lugar, uma resistência aos fundamentalismos e uma contribuição para a paz no mundo, pois visa promover o diálogo em um momento repleto de crises e discursos de ódio – quase sempre em nome de Deus.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Gilbraz. Do transdisciplinar ao transreligioso. In: ARAGÃO, Gilbraz. VICENTE, Mariano (Org.). *Espiritualidade, transdisciplinaridade e diálogo*. Recife: Observatório Transdisciplinar das religiões no Recife, 2015, p. 17-31. *Ebook*. Disponível em: https://www1.unicap.br/observatorio2/wp-content/uploads/2018/10/E-book_Espiritualidades-transdisciplinaridade-e-di%C3%A1logo.pdf. Acesso em: 18 mar. 2021.
- BÍBLIA Tradução Ecumênica*: TEB. São Paulo: Loyola, 1994.
- CALVANI, Carlos Eduardo. Paul Tillich: Aspectos biográficos, referenciais teóricos e desafios teológicos. *Estudos de Religião (IMS)*, v. 5, p. 11-36, 1996.
- CALVANI, Carlos Eduardo. *Teologia da arte*: Espiritualidade, igreja e cultura a partir de Paul Tillich. São Paulo: Fonte Editorial, Paulinas, 2010.
- CARVALHO, Osiel Lourenço; KELM, Thiago Rafael. A noção de Deus enquanto Ser-em-si na teologia de Paul Tillich. *Revista Eletrônica Correlatio*, v. 12, n. 24, p. 49-58, dez. 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/4603/4000>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- ELIADE, Mircea. Paul Tillich and the history of religions. In: TILLICH, Paul. *The Future of religions*. New York: Jerald C. Brauer e Harper & Row, 1966.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- NICOLESCU, Basarab (org.). *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO, 2000.

PANASIEWICZ, Roberlei; ARAGÃO, Gilbraz. Novas fronteiras do pluralismo religioso: apontamentos sobre o pós-religional e o transreligioso. *Horizonte, Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 13, n. 40, p. 1841-1869, 25 dez. 2015. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n40p1841>. Acesso em: 18 mar. 2021.

RODRIGUES, Felipe Fanuel. Na fronteira das religiões: contribuição de Paul Tillich para o diálogo inter-religioso a partir do cristianismo. *Revista Eletrônica Correlatio*, n. 12, p. 70-82, dez. 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/1682/1669>. Acesso em: 18 mar. 2021.

TILLICH, Paul. *A Coragem de Ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

TILLICH, Paul. *Christianity and the encounter of the world religions*. New York: Columbia University Press, 1964. Disponível em: <http://media.sabda.org/alkitab-2/Religion-Online.org%20Books/Tillich,%20Paul%20-%20Christianity%20and%20the%20Encounter%20of%20the%20World%20.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2021.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2014.

TILLICH, Paul. *The Future of religions*. New York: Jerald C. Brauer e Harper & Row, 1966.